O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



# BOLETIM DE CONJUNTURA

## BOCA

Ano V | Volume 13 | Nº 37 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.7818332

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

# MODELO EXPLICATIVO DO PRECONCEITO CONTRA PESSOAS GORDAS BASEADO NOS ESTEREÓTIPOS, NAS ATRIBUIÇÕES DE CONTROLE E INSTABILIDADE DO PESO E NA CULPABILIZAÇÃO

*Thaís de Sousa Bezerra de Menezes*[1]

*Silvana Carneiro Maciel*[2]

**Resumo**

O excesso de peso (que inclui sobrepeso e obesidade), apesar de ser um fenômeno que envolve aspectos sociais, é majoritariamente investigado a partir da priorização de aspectos individuais. O presente artigo teve por objetivo propor um modelo explicativo do preconceito contra pessoas gordas pautado nos Estereótipos sobre as pessoas gordas, na Atribuição de locus interno e controle sobre o início do ganho de peso, na Atribuição de instabilidade do excesso de peso e na Crença na culpa pelo excesso de peso. Para mensurar essas variáveis foram utilizadas as adaptações transculturais das escalas Controllability Scale-Revised (PARRY, 2011); Implicit Theories of Weight Management (Burnette, 2010); Competence e Warmth Stereotype Content Model de Fiske *et al*. (2002); Paternalistic Anti-Fat Attitudes Scale (PARRY, 2011) e da Measure of Fat Bias (UMB-FAT) (LATNER *et al*., 2008), validadas para o português brasileiro por Menezes (2022) e também utilizou o instrumento de culpabilização contra pessoas gordas validado por Obara e Alvarenga (2018) para testar um modelo explicativo do preconceito contra pessoas gordas. O modelo foi construído no software Mplus versão 8. Espera-se com este trabalho estimular estudos futuros e intervenções que apresentem informações acuradas sobre o excesso de peso que possam diminuir o preconceito em relação às pessoas gordas.

**Palavras Chave**: Excesso de Peso; Modelo; Preconceito; Pessoas Gordas.



**Abstract**

Excess weight (which includes overweight and obesity), despite being a phenomenon that involves social aspects, is mostly investigated from the prioritization of individual aspects. This article aimed to propose an explanatory model of prejudice against fat people based on Stereotypes about fat people, the Attribution of an internal locus and control over the onset of weight gain, the Attribution of instability of overweight and the Belief in blame for being overweight. To measure these variables, cross-cultural adaptations of the Controllability Scale-Revised scales (PARRY, 2011) were used; Implicit Theories of Weight Management (Burnette, 2010); Competence and Warmth Stereotype Content Model by Fiske *et al*. (2002); Paternalistic Anti-Fat Attitudes Scale (PARRY, 2011) and the Measure of Fat Bias (UMB-FAT) (LATNER *et al*., 2008), validated for Brazilian Portuguese by Menezes (2022) and also used the blaming instrument against people fat people validated by Obara and Alvarenga (2018) to test an explanatory model of prejudice against fat people. The model was built using the Mplus software, version 8. It is hoped that this work will stimulate future studies and interventions that present accurate information about overweight that can reduce prejudice against fat people.

**Keywords**: Fat People; Model; Overweight; Prejudice.

## INTRODUÇÃO

Muitas pessoas raramente param para pensar o motivo de gostarem do que gostam. Ou, não gostarem do que não gostam. É comum que se explique as avaliações que fazemos sobre o que nos cerca de várias maneiras: gostamos de sorvete porque vivemos em um lugar quente ou porque todos na família

[1] Professora da Faculdade Três Marias (FTM). Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: thaismenezestk@gmail.com

[2] Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: silcamaciel@gmail.com

gostam ou, porque sim, simplesmente. Raramente pensamos que boa parte das avaliações que fazemos foram aprendidas, o que é especialmente válido quando tratamos de grupos de pessoas.

Assim, durante nosso tempo de vida aprendemos. Não só sobre o que é muito evidente, como ler e escrever, mas também sobre se uma situação é favorável ou desfavorável, aceitável ou inaceitável, adequada ou inadequada (LOPES *et al*., 2018). E essas avaliações, não se aplicam somente a situações, mas a qualquer objeto. Assim, as atitudes são "uma tendência psicológica que é expressa pela avaliação de uma entidade em particular com algum grau de favor ou desfavor" (CHAIKEN *et al*., 1996, p. 269). As atitudes podem ser positivas, ao ter uma avaliação positiva sobre algo, ou negativa, quando o contrário acontece. Existe um tipo de atitude negativa que nos interessa: o preconceito.

Existem inúmeras definições de preconceito, uma das mais utilizadas nos estudos em Psicologia Social é a de Allport que diz que o preconceito é uma atitude hostil contra alguém somente por essa pessoa pertencer a um grupo socialmente desvalorizado (ALLPORT, 1954). Essa definição tem recebido algumas críticas, uma delas se refere à questão da hostilidade. Isso porque "em muitas formas de preconceito, atitudes pseudopositivas convivem com a hostilidade e antipatia" (LIMA, 2020, p. 23). Assim, apesar de o Preconceito Hostil ainda existir e ser um problema grave, existem formas mais "benevolentes" do preconceito que por vezes atuam ao mesmo tempo que a forma mais "hostil" do fenômeno a depender do grupo alvo (JACKMAN, 2008).



Os preconceitos Benevolente e Hostil começam a ser melhor investigados e diferenciados nos estudos sobre sexismo. O Preconceito Hostil tem um caráter mais explícito e agressivo e frequentemente é manifestado em ações como negligência, abuso ou maus-tratos (ABRAMS *et al*., 2018). Já no Preconceito Benevolente existem sentimentos aparentemente positivos em relação ao grupo-alvo, mas que derivam da percepção de grupos externos (grupos que não são os de pertença de quem manifesta o preconceito) como inferiores, incompetentes e passivos (RAMASUBRAMANIAN; OLIVER, 2007).

Apesar de parecerem menos danosos por não serem abertamente desdenhosos o Preconceito Benevolente pode ser tão prejudicial, ofensivo e inadequado quanto o Preconceito Hostil (SWIM; STANGOR, 1998). Apesar dessa distinção entre Preconceito Benevolente e Hostil ter surgido no estudo sobre sexismo, ela se estende a outros preconceitos (MYERS, 2014), por exemplo, o preconceito contra pessoas gordas.

O preconceito contra pessoas gordas atualmente é um dos preconceitos mais prevalentes (JOVANČEVIĆ; JOVIĆ, 2022). A alta prevalência desse tipo de preconceito múltiplas causas, no entanto, existem variáveis que merecem atenção para a explicação do fenômeno. Uma delas são os estereótipos. Para compreender o papel dos estereótipos no preconceito contra pessoas gordas vale relembrar que o preconceito é um tipo de atitude. Sendo uma atitude, o preconceito possui componentes

cognitivos e afetivos que influenciam a sua formação. Uma vez formado, essa atitude pode influenciar o comportamento. Dentre os componentes cognitivos do preconceito, estão os estereótipos (LIMA, 2020).

Os estereótipos são uma generalização por meio de da qual atribuímos os mesmos traços a quase todos os membros de um grupo, independentemente das variações reais entre essas pessoas (ARONSON *et al*., 2002, p. 461). Uma das teorias mais aceitas para o estudo dos estereótipos em Psicologia Social é o Modelo do Conteúdo Estereotípico (MCE) de Fiske *et al*. (2002). Este modelo propõe que existem duas dimensões fundamentais de conteúdo dos estereótipos, essas dimensões são a sociabilidade e a competência (FISKE *et al*., 2002).

Os autores do modelo argumentam que muitos psicólogos sociais, incluindo o já mencionado Allport, normalmente só consideravam os estereótipos negativos como indicadores de preconceito (FISKE *et al*., 2002). Para esses psicólogos mencionados pelos autores do modelo, os estereótipos positivos (lisonjeiros) só se aplicavam à grupos internos (grupos de pertença) ou, quando eram direcionados a grupos externos, indicariam uma consciência positiva que seria consequência de ideais igualitários modernos (FISKE *et al*., 2002). Na contramão dessa ideia, Fiske *et al*. (2002) afirmam que os estereótipos seriam capturados por essas duas dimensões (sociabilidade e competência) e que "os estereótipos subjetivamente positivos em uma dimensão não contradizem o preconceito, mas muitas vezes são funcionalmente consistentes com estereótipos negativos na outra dimensão" (FISKE *et al*., 2002, p. 878). Assim, diferentes combinações dessas dimensões (sociabilidade e competência) levam a diferentes reações emocionais, a diferentes formas de preconceito (como Benevolente e Hostil) e a diferentes tendências comportamentais (VISINTIN, 2021). Portanto, sociabilidade e competência podem ter impactos significativos tanto no Preconceito Hostil, quanto no benevolente, assim como podem ter papel importante na explicação de outras possíveis variáveis relacionadas ao preconceito contra pessoas gordas, como a Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, a Atribuição de instabilidade do excesso de peso e a Crença na culpa pelo excesso de peso.



Dessa forma, uma outra variável importante para a compreensão do preconceito contra pessoas gordas é a Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso. A perspectiva de Weiner sobre a atribuição pode oferecer um quadro teórico interessante sobre essa variável. Weiner cria uma teoria da atribuição que divide três propriedades causais que podem ser captadas em diferentes situações, essas situações seriam lócus, estabilidade e controlabilidade (WEINER, 2004). Cada uma dessas dimensões é estruturada como um contínuo com dois extremos: interno-externo (a causa do evento está no indivíduo, ou em fatores externos a ele, como fatores ambientais), estável-instável e controlável-incontrolável (pelo indivíduo) (WEINER, 2012 *apud* CARVALHO, 2022).

Na teoria de Weiner não existe o construto "lócus de controle". Para ele, lócus e controle são tratados separadamente, como explica: "Note que eu não uso o conceito de lócus de controle mas prefiro falar em lócus e controle" (WEINER, 2004, p. 18). No entanto, compreendemos que as crenças que enfatizam que o peso é controlável pelo sujeito (crenças de controlabilidade sobre do excesso de peso) estão intimamente conectadas a um lócus interno de controle nesse fenômeno. Por isso, nesse estudo, trataremos dessas propriedades causais como um único construto "Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso". Argumentamos que apesar das fortes crenças de que as pessoas gordas são responsáveis por sua gordura, esta pode ser causada tanto por fatores que os indivíduos têm controle quanto por outros que eles não conseguem controlar (PARRY, 2011). Porém, o preconceito e discriminação das pessoas gordas, por vezes se baseia na crença de que o peso é controlável (PUHL; BROWNELL, 2003), assim, é relevante investigar a explicação dessa variável no preconceito.

A terceira e última dimensão da teoria de Weiner é a estabilidade, em nosso estudo, nomeamos esse construto como Atribuição de instabilidade do excesso de peso. É importante mencionar que crenças de que o peso é algo estável, de difícil modificação, fazem parte das Teorias de entidade que entendem que os atributos humanos são fixos; enquanto as crenças de instabilidade do peso (Atribuição de instabilidade do excesso de peso) que tratam os atributos humanos como mutáveis, fazem parte das Teorias Incrementais do peso (Dweck, 1999 como citado em HOYT *et al*., 2017). Assim, a Atribuição de instabilidade do excesso de peso se refere a crença que o peso pode ser modificável com certa facilidade, assim, as pessoas gordas podem alterar seu status de peso, ou seja, trata do controle sobre continuar a ser gordo (PARRY, 2011). Assim, argumentamos que quanto maior a Atribuição de instabilidade do excesso de peso (Teoria incremental do peso), maior seria a culpabilização das pessoas gordas (Crença na culpa pelo excesso de peso).



Apesar de essas variáveis desempenharem um papel importante no preconceito contra pessoas gordas, segundo a revisão feita por Menezes *et al*. (2022), os estudos que consideram essas variáveis não consideram ao mesmo tempo Preconceito Benevolente e Hostil. Nesse sentido o objetivo deste estudo é propor um modelo explicativo do preconceito contra pessoas gordas que considera Preconceito Hostil e Benevolente e é pautado nos Estereótipos sobre as pessoas gordas, na Atribuição de locus interno e controle sobre o início do ganho de peso, na Atribuição de instabilidade do excesso de peso e na Crença na culpa pelo excesso de peso.

Assim, levantou-se a hipótese que a) as variáveis Sociabilidade e Competência, que são dimensões do Modelo de Conteúdo Estereotípico, se correlacionarão negativamente; b) As variáveis Sociabilidade e Competência (Estereótipos) serão preditoras indiretas tanto do Preconceito Hostil quanto do Preconceito Benevolente por meio de da sequência de variáveis: Sociabilidade e Competência

predirão diretamente Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que predirá Atribuição de instabilidade do excesso de peso que, por sua vez, predirá Crença na culpa pelo excesso de peso que explicará significativamente Preconceito Benevolente e Hostil e c) As variáveis Sociabilidade e Competência (Estereótipos) serão preditoras diretas tanto do Preconceito Hostil quanto do Preconceito Benevolente, no entanto, as explicações serão mais fracas (com betas menores) do que aquelas aferidas por meio de do caminho indireto proposto.

Assim, o objetivo geral deste estudo foi propor um modelo explicativo do preconceito contra pessoas gordas que considera Preconceito Hostil e Benevolente e é pautado nos Estereótipos sobre as pessoas gordas, na Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, na Atribuição de instabilidade do excesso de peso e na Crença na culpa pelo excesso de peso.

## MÉTODO

### Tipo de estudo



Estudo do tipo não-experimental, exploratório, descritivo e analítico de caráter transversal e quantitativo.

### Participantes

A amostra foi composta por 590 sujeitos da população geral de residentes no Brasil. Os critérios de inclusão foram: ter mais de 18 anos e residir no Brasil. A maior parte dos participantes era do gênero feminino (92,7%; N = 547), a média de idade geral foi de 52,03 anos (DP = 11,858), a maior parte dos participantes teve renda maior que 5 salários-mínimos (37,8%; N = 223) e possuía Ensino superior completo com Pós-Graduação (especialização, mestrado ou doutorado) (35,8%; N = 211).

### Análise dos dados

Os dados foram analisados com o auxílio do software Mplus versão 8 (mais recente à época de lançamento do estudo), tanto para a realização de novas análises confirmatórias, para testar as propriedades de cada instrumento com a amostra deste estudo (measurement model), quanto foi utilizado para a modelagem por equações estruturais (structural model).

**Procedimentos éticos e de coleta de dados**

Foram resguardados todos os cuidados éticos que envolvem as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, respeitando os termos da Resolução N.º 510/16 (BRASIL, 2016) do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Foi realizada uma modelagem por equações estruturais com o objetivo de investigar em que medida as dimensões Sociabilidade e Competência do Modelo de conteúdo estereotípico, a Atribuição de locus interno e controle sobre o início do ganho de peso, a Atribuição de instabilidade do excesso de peso e a Crença na culpa pelo excesso de peso, explicam os níveis de Preconceito Hostil e Preconceito Benevolente, vinculado a atitudes paternalistas contra pessoas gordas. A análise foi implementada utilizando o método de estimação Weighted Least Squares Mean and Variance Adjusted (WLSMV), adequado para dados categóricos e que não pressupõe normalidade dos dados (DISTEFANO; MORGAN, 2014; LI, 2016). A parametrização utilizada nesse estudo para todas as cargas fatoriais incluindo modelos de medida para testar a adequação dos instrumentos (measurement model), bem como a modelagem por equações estruturais completa (structural model), foi a parametrização STDYX, adequada para dados não-dicotômicos.



Quanto tamanho da amostra para a análise fatorial, o número mínimo de participantes necessários é controverso, no entanto, utilizou-se o critério de Gorsuch (1983) e Hair (2005) de pelo menos 100 participantes e um número mínimo de 5 participantes por item. Os participantes foram contatados através de convite online divulgado por meio de rede social.

Os índices de ajuste utilizados foram: $c^2$; $c^2$/gl; Comparative Fit Index (CFI); Tucker-Lewis Index (TLI); Standardized Root Mean Residual (SRMR) e Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA). A indicação de Brown (2015) é que valores de $c^2$ não devem ser significativos; a razão $c^2$/gl deve ser $\leq$ que 5 ou, preferencialmente, $\leq$ que 3; valores de CFI e TLI precisam ser $\geq$ que 0,90 e, preferencialmente acima de 0,95; valores SRMR devem ser próximos de 0,08 ou menor e valores de RMSEA devem ser $\leq$ que 0,08 ou, de preferência $\leq$ que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) $\leq$ 0,10.

A mensuração da fidedignidade da medida foi aferida por meio de da Confiabilidade Composta (Fidedignidade Composta). Lembramos que o índice de Confiabilidade Composta (CC), tem sido considerado um indicador de precisão mais robusto que o alpha de Cronbach pois no cálculo da Confiabilidade Composta, as cargas ou pesos fatoriais dos itens são passíveis de variação, enquanto, "no coeficiente alpha, as cargas dos itens são fixadas para serem iguais" (VALENTINI; DAMÁSIO, 2016), o que é um pressuposto que raramente é observado empiricamente (SIJTSMA, 2009). Nesse sentido, a

CC apresenta indicadores mais robustos de precisão por não estar atrelada a esse pressuposto. Índices acima de 0,70 são considerados aceitáveis (RAYKOV, 2007; VALENTINI; DAMÁSIO, 2016). Por fim, para a magnitude das correlações utilizamos os pontos nula = 0,00; fraca = |0,10 - 0,39|; moderada = |0,40 - 0,70|; forte = |0,70 - 0,80|; muito forte = |0,80 - 0,99| e perfeita = 1,00 (AMBIEL *et al*., 2011).

**Instrumentos de coleta de dados**

Os instrumentos utilizados foram: as escalas Competence e Warmth do Stereotype Content Model para captar os Estereótipos sobre as pessoas gordas; a Controllability Scale-Revised para mensurar Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso; Implicit Theories of Weight Management para mensurar Atribuição de instabilidade do excesso de peso; a escala Paternalistic Anti-Fat Attitudes Scale para mensurar Preconceito Benevolente e a escala Measure of Fat Bias para apreender Preconceito Hostil contra pessoas gordas, todas validadas por Menezes (2022) e a subescala "controle do peso e culpa" da Escala de Atitudes Antiobesidade adaptada por Obara e Alvarenga (2018). Esta subescala avalia "a crença quanto à responsabilidade dos obesos por seu excesso de peso" (OBARA; ALVARENGA, 2018, p. 1509) e será utilizada em nosso estudo para captar Crença na culpa pelo excesso de peso.



A Controllability Scale-Revised - CSR (PARRY, 2011) avalia Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso (onset control). O questionário final é composto por 7 itens respondidos em uma escala tipo Likert (1 = discordo totalmente a 7 = concordo totalmente) com apenas um fator. No estudo de validação original, a CSR apresentou adequada consistência interna ($\alpha = 0,87$). No presente estudo, a escala apresentou adequados índices de ajuste: CFI = 0,96, TLI = 0,934 e SRMR = 0,030. A exceção foi o RMSEA cujos valores devem ser $\leq$ que 0,08 ou, de preferência $\leq$ que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) $\leq$ 0,10 (Brown, 2015), enquanto em nosso estudo os resultados foram RMSEA (90% IC) = 0,112 (0,089 —0,136). No presente estudo, a consistência interna da escala (Fidedignidade Composta) foi de 0,786 para o único fator da escala.

A Implicit Theories of Weight Management - ITWM (BURNETTE, 2010) avalia Atribuição de instabilidade do excesso de peso. O questionário é composto por 6 itens respondidos em uma escala tipo Likert (1 = discordo totalmente a 6 = concordo totalmente), dos quais 3 tratam do peso com entidade (peso como não-mutável ou de difícil modificação) e três itens com o peso como modificável, mutável, no entanto, todos pertencem ao mesmo fator.

Exclusivamente nesse estudo os itens de um mesmo fator que possuíam o sentido semântico em uma direção oposta foram recodificados para melhor interpretabilidade do modelo. No caso da Implicit

Theories of Weight Management a escala de reposta variava de 1 = concordo fortemente à 6 = discordo fortemente, dessa forma, recodificamos os itens 3, 5 e 6 para que os números mais altos refletissem uma abordagem incremental do peso, ou seja, uma crença que o peso não é algo estável, e sim, mutável. Descrição dos itens: 3. Não importa quem você é, você pode mudar significativamente seu peso corporal. 5.Você sempre pode mudar substancialmente seu peso corporal. 6. Você pode mudar consideravelmente seu peso corporal padrão.

No estudo de validação original, a ITWM apresentou adequada consistência interna (α = 0,82). No presente estudo, a escala apresentou adequados índices de ajuste: CFI = 0,921 e SRMR = 0,053. No entanto o valor de não foi maior que 0,90, como recomendado: TLI = 0, 868. O teve um valor adequado RMSEA (90% IC) = 0,337 (0,314—0,360), no entanto o limite superior do intervalo de confiança não foi ≤ 0,10, como esperado. Neste estudo, a consistência interna da escala (Fidedignidade Composta) foi de 0,927 para o único fator da escala.

A Stereotype Content Model - SCM (FISKE *et al*., 2002) avalia o conteúdo dos estereótipos. O questionário é composto por 12 itens respondidos em uma escala Likert (1 = nenhum pouco a 5 = extremamente), dos quais 6 avaliam dimensão de Competência Competence e 6 avaliam dimensão de Sociabilidade Warmth. No estudo de validação original, a SMC apresentou adequada consistência interna (Competence, α = 0,94; Warmth, α = 0,90). No presente estudo, a escala apresentou adequados índices de ajuste: CFI = 0,952, TLI = 0,940, e SRMR = 0,062. Somente o RMSEA teve valores abaixo do esperado, o resultado foi RMSEA (90% IC) = 0,146 (0,136—0,136) quando deveriam ser ≤ que 0,08 ou, de preferência ≤ que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) ≤ 0,10. A consistência interna da escala (Fidedignidade Composta) foi de 0,934 para o fator Competência e 0,910 para o fator Sociabilidade, no presente estudo.



A Paternalistic Anti-Fat Attitudes Scale - PAF (PARRY, 2011) avalia atitudes paternalistas anti-gordos. O questionário final é composto por 14 itens respondidos em uma escala tipo Likert (1 = discordo fortemente a 7 = concordo fortemente) com apenas um fator.

Exclusivamente nesse estudo os itens de um mesmo fator que possuíam o sentido semântico em uma direção oposta foram recodificados para melhor interpretabilidade do modelo. Em relação à Paternalistic Anti-Fat Attitudes Scale adaptada transculturalmente, os itens 1 e 9, os únicos a apresentarem um sentido semântico oposto dos outros itens, foram recodificados para que os números mais altos refletissem Preconceito Benevolente contra pessoas gordas. Descrição dos itens: 1. Pessoas gordas que não desejam perder peso devem ter suas escolhas respeitadas e não devem ser incentivadas a perder peso e 9. Amigos e familiares de pessoas gordas não devem incentivá-las a perder peso.

No estudo de validação original, a PAF apresentou adequada consistência interna (α = 0,87). Essa escala medirá o que chamaremos em nosso estudo de Preconceito Benevolente (PB). CFI = 0,921, TLI = 0,907 e SRMR = 0,042. Somente o RMSEA teve valores abaixo do esperado, o resultado foi RMSEA (90% IC) = 0,104 (0,096—0,113), quando deveriam ser ≤ que 0,08 ou, de preferência ≤ que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) ≤ 0,10. No presente estudo, a consistência interna da escala (Fidedignidade Composta) foi de 0,910 para o único fator da escala.

A Measure of Fat Bias - UMB-FAT (LATNER *et al*, 2008) avalia atitudes anti-gordura. O questionário final é composto por 20 itens respondidos em uma escala tipo Likert (1 = concordo fortemente a 7 = discordo fortemente) com quatro fatores. Como já mencionado, neste estudo os itens de um mesmo fator que possuíam o sentido semântico em uma direção oposta foram recodificados para melhor interpretabilidade do modelo. Da mesma forma procedemos em relação à Measure of Fat Bias (UMB-FAT), que na adaptação transcultural brasileira, reportada em Menezes (2022), apresentou 3 fatores. Entre todos os itens somente o item 9 que faz parte do fator Atração e proximidade apresentou um sentido semântico oposto aos outros itens do fator e por isso foi recodificado para que os números mais altos refletissem maior Atração e proximidade em relação a pessoas gordas. Descrição dos itens: 9. Pessoas gordas não são atraentes. Lembramos que a escala é pontuada de 1 = concordo fortemente a 7 = discordo fortemente. No entanto os três fatores da adaptação brasileira, tem sentido distintos, e por isso, todos os itens de certos fatores precisaram ser invertidos para que a escala refletisse Preconceito Hostil contra pessoas gordas. Exemplo: O fator 1 é julgamento adverso. Os itens estão abaixo:



**Tabela 1 – Fator 1 – julgamento adverso**

| |
|---|
| 5. Pessoas gordas têm higiene ruim. |
| 7. Pessoas gordas têm tendência a um mau comportamento. |
| 8. Eu não gostaria de ter uma pessoa gorda como colega de quarto. |
| 12. Às vezes, acho que pessoas gordas são desonestas. |
| 15. Em geral, pessoas gordas não pensam sobre as necessidades de outras pessoas. |
| 16. Pessoas gordas são desleixadas. |
| 19. Eu não gosto de conversar com uma pessoa gorda. |

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Measure of Fat Bias.

A escala de pontuação é 1 = concordo fortemente a 7 = discordo fortemente. Nesse fator "julgamento adverso", quanto mais perto de 7, MENOR é o julgamento adverso e, portanto, MENOR é o preconceito, o que difere do sentido dos outros dois fatores (à exceção de itens pontuais já invertidos como mencionado em trecho anterior). Abaixo, informações sobre o fator Atração e Proximidade.

**Tabela 2 – Fator 2 – Atração e proximidade.**

| |
|---|
| 2. Me sentiria confortável tendo uma pessoa gorda no meu grupo de amigos. |
| 3. Eu acho pessoas gordas atraentes. |
| 4. Pessoas gordas são bons parceiros românticos. |
| 6. Eu acho que pessoas gordas são sensuais |
| 9. Pessoas gordas não são atraentes. |
| 10. Acho pessoas gordas atraentes de se olhar. |
| 17. Eu gosto de pessoas gordas. |
| 20. Eu gostaria de ter uma pessoa gorda na minha igreja ou centro comunitário. |

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Measure of Fat Bias.

Lembramos que a escala de repostas vai de 1 = concordo fortemente a 7 = discordo fortemente. Nesse fator "Atração e Proximidade" quanto mais perto de 7, maior a discordância com Atração e Proximidade em relação às pessoas gordas e, portanto, maior o preconceito. Abaixo, os itens do fator Direitos Iguais.

**Tabela 3 – Fator 3 – Direitos iguais.**

| |
|---|
| 1. Um esforço especial deve ser feito para garantir que pessoas gordas tenham os mesmos direitos e privilégios que outras pessoas. |
| 11. Um esforço especial deve ser feito para garantir que pessoas gordas tenham o mesmo salário que outras pessoas. |
| 13. Eu tento entender a perspectiva das pessoas gordas. |
| 14. Um esforço especial deve ser feito para garantir que pessoas gordas tenham as mesmas oportunidades educacionais que outras pessoas. |
| 18. Um esforço especial deve ser feito para garantir que pessoas gordas tenham as mesmas oportunidades de moradia que outras pessoas. |

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Measure of Fat Bias.



Lembramos que a escala de repostas vai de 1 = concordo fortemente a 7 = discordo fortemente. Nesse fator "Direitos Iguais", quanto mais perto de 7, maior a discordância com Direitos Iguais para as pessoas gordas e, portanto, maior o preconceito. Nesse sentido, os itens do fator 1 – Julgamento Adverso foram recodificados para que os números mais altos refletissem maior julgamento adverso e, portanto, maior preconceito.

No estudo de validação original, a UMB-FAT apresentou adequada consistência interna (α = 0,93). Essa escala medirá o que chamaremos em nosso estudo de Preconceito Hostil. No presente estudo, a escala apresentou adequados índices de ajuste: CFI = 0,949, TLI = 0,942, RMSEA (90% IC) = 0,080 (0,074—0,086), e SRMR = 0,069. No presente estudo, consistência interna da escala (Fidedignidade Composta) foi de 0,853 para o fator Julgamento Adverso, 0,904 para o fator Atração e Proximidade e 0,881 para o fator Direitos Iguais.

A Escala de Atitudes Antiobesidade adaptada por Obara e Alvarenga (2018) avalia atitudes em relação à obesidade e aos obesos. Desse instrumento utilizaremos somente subescala "controle do peso e

culpa" que avalia "a crença quanto à responsabilidade dos obesos por seu excesso de peso" (OBARA; ALVARENGA, 2018, p. 1509). Essa escala medirá o que chamaremos em nosso estudo de Crença na culpa pelo excesso de peso. O questionário final é composto por 9 itens respondidos em uma escala Likert (1 = Não concordo com nada 5 = Concordo totalmente) com um fator. Nesta subescala o item 9 precisou ser invertido para ir na mesma direção dos demais itens do fator, como sugerido pelas próprias autoras. Descrição do item: 9. Pessoas gordas não necessariamente comem mais que os outros foi invertido como sugerido pelas autoras. No estudo de adaptação, a subescala "controle do peso e culpa" apresentou adequada consistência interna ($\alpha = 0,70$). No presente estudo, a escala apresentou adequados índices de ajuste: CFI = 0,979, TLI = 0,972, RMSEA (90 % IC) = 0,074 (0,060 —0,088), e SRMR = 0,027. A consistência interna da escala (Fidedignidade Composta) foi de 0,890 para o único fator da escala.

Como variáveis de sociodemográficas que foram utilizadas no modelo como variáveis de controle, foram utilizadas as variáveis: gênero (GEN); Participante se considera gordo (GORD); Participante se considera obeso (OBES) e Tempo de dificuldade em controlar o peso (TEMCONT). Nos casos das variáveis gênero (GEN); Participante se considera gordo (GORD) e Participante se considera obeso (OBES), todas era variável dicotômicas que foram transformadas em variáveis dummy para que pudessem entrar no modelo.



No caso da variável TEMCONT, o participante respondeu à pergunta: "Caso tenha tido problemas para controle do peso, por quanto tempo você teve essa dificuldade?". As opções eram: 1 = Nunca tive dificuldade em controlar meu peso por longos períodos; 2 = Cerca de um ano; 3 = Cerca de dois anos; 4 = Entre três e quatro anos; 5 = Entre 5 e 10 anos e 6 = Tive dificuldade controlar meu peso por mais de 10 anos.

**Riscos**

Informamos que essa pesquisa ofereceu riscos mínimos para os participantes, como desconforto em responder as questões.

**Benefícios**

O conhecimento procedente da pesquisa poderá contribuir para o desenvolvimento de alternativas efetivas para a diminuição do preconceito e da discriminação frente a pessoas gordas.

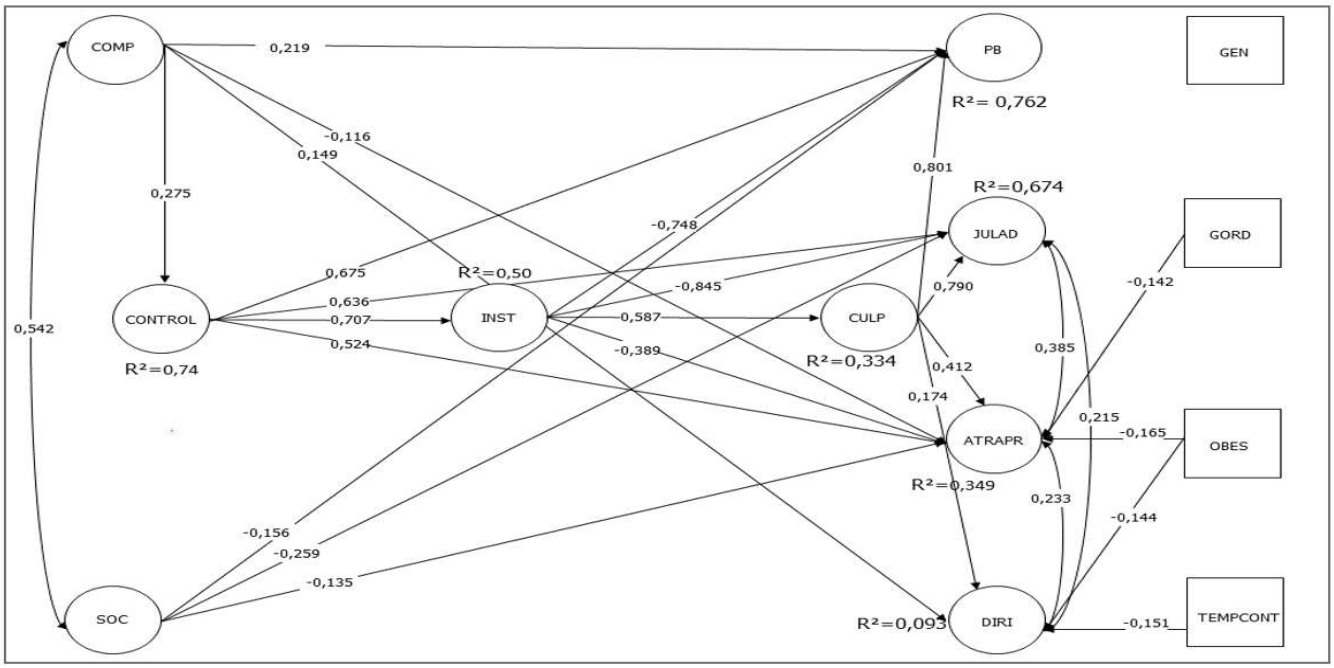
## RESULTADOS

Os índices de ajuste do modelo estrutural se mostraram adequados, sugerindo a sua plausibilidade [$c^2$ = 5373,253, gl = 2365, $c^2$ /gl = 2,2, CFI = 0,901, TLI = 0,896; RMSEA (90% CI): 0,047 (0,045 – 0,049); SRMR = 0,072]. As cargas fatoriais de cada um dos itens dos fatores (Modelo de medida - measurement model) que fizeram parte da Modelagem por equações estruturais estão apresentadas em tabela no Apêndice I de Menezes (2022). A padronização utilizada foi STDYX e todos os itens se correlacionaram significativamente e de forma positiva com seus respectivos fatores.

Apresentaremos a seguir três figuras com os resultados do modelo. A Figura 1 é uma réplica da saída do software feita manualmente excluindo-se os measurement models e as relações não-significativas e incluindo-se as informações R² no intuito de favorecer a interpretabilidade dos dados. Os índices apresentados são os padronizados (Beta). A padronização utilizada foi a STDYX, adequada para dados não-dicotômicos. As variáveis GEN = Gênero; GORD = Participante se considera gordo; OBES = Participante se considera obeso; TEMCONT = Tempo dificuldade em controlar o peso, tiveram a função de variáveis de controle no modelo.



**Figura 1 - Modelo Explicativo do Preconceito Contra Pessoas Gordas incluindo-se relações não-significativas**




Fonte: Elaboração própria.
Nota: N = 590); COMP = Competência; SOC = Sociabilidade; CONTROL = Atribuição de locus interno e controle sobre o início do ganho de peso, INST = Atribuição de instabilidade do excesso de peso; CULP = Crença na culpa pelo excesso de peso, PB = Preconceito Benevolente contra pessoas gordas; Dimensões do Preconceito Hostil (JULAD = Julgamento adverso; ATRA = Atração e Proximidade; DIRI= Direitos Iguais); GEN = Gênero; GORD = Participante se considera gordo; OBES = Participante se considera obeso; TEMCONT = Tempo dificuldade em controlar o peso.

A seguir, apresentamos os coeficientes padronizados (Beta) das relações entre as variáveis latentes do modelo, a padronização utilizada foi STDYX. O beta significa que a cada 1 desvio-padrão que sobe na variável preditora (antecessora), aumenta (ou, diminui caso o valor seja negativo) "valor de beta" na variável predita. Na figura 1, já apresentada, encontram-se apenas as relações que foram significativas.

**Tabela 4 - Coeficientes padronizados (beta) das relações entre as variáveis do modelo**

| Relação de variáveis | Coeficiente Padronizado | P-Value |
|---|---|---|
| COMP à CONTROL | 0,275 | 0,000 |
| SOC à CONTROL | -0,004 | 0,934 |
| CONTROL à INST | 0,707 | 0,000 |
| INST à CUL | 0,587 | 0,000 |
| COMP à JULAD | 0,090 | 0,085 |
| SOC à JULAD | -0,259 | 0,000 |
| CONTROL à JULAD | 0,636 | 0,000 |
| INST à JULAD | -0,845 | 0,000 |
| CUL à JULAD | 0,790 | 0,000 |
| COMP à ATRA | -0,116 | 0,013 |
| SOC à ATRA | -0,135 | 0,004 |
| CONTROL à ATRA | 0,524 | 0,000 |
| INST à ATRA | -0,389 | 0,002 |
| CUL à ATRA | 0,412 | 0,000 |
| COMP à DIRI | 0,149 | 0,006 |
| SOC à DIRI | -0,034 | 0,526 |
| CONTROL à DIRI | 0,049 | 0,630 |
| INST à DIRI | -0,040 | 0,737 |
| CUL à DIRI | 0,174 | 0,009 |
| COMP à PB | 0,219 | 0,000 |
| SOC à PB | -0,156 | 0,001 |
| CONTROL à PB | 0,675 | 0,000 |
| INST à PB | -0,748 | 0,000 |
| CUL à PB | 0,801 | 0,000 |
| GEN à JULAD | 0,093 | 0,117 |
| GORD à JULAD | -0,073 | 0,201 |
| OBES à JULAD | -0,023 | 0,718 |
| TEMCONT à JULAD | -0,042 | 0,456 |
| GEN à ATRA | 0,082 | 0,120 |
| GORD à ATRA | -0,142 | 0,003 |
| OBES à ATRA | -0,165 | 0,001 |
| TEMCONT à ATRA | 0,011 | 0,819 |
| GEN à DIRI | 0,023 | 0,664 |
| GORD à DIRI | -0,009 | 0,860 |
| OBES à DIRI | -0,144 | 0,007 |
| TEMCONT à DIRI | -0,151 | 0,003 |
| GEN à PB | 0,050 | 0,300 |
| GORD à PB | -0,010 | 0,838 |
| OBES à PB | -0,063 | 0,181 |
| TEMCONT à PB | -0,014 | 0,777 |

Fonte: Elaboração própria.

É válido observar que, a dimensão Sociabilidade do Modelo do Conteúdo Estereotípico predisse diretamente o Preconceito Benevolente e as dimensões Julgamento adverso e Atração e proximidade e não apresentou explicações indiretas significativas no modelo por meio de das variáveis Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, Atribuição de instabilidade do excesso de peso e Crença na culpa pelo excesso de peso.

No entanto, tanto o Preconceito Benevolente quanto as dimensões do Preconceito Hostil foram explicados com maiores betas por meio de da explicação indireta, mediada pela sequência exata das variáveis: Competência, Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, Atribuição de instabilidade do excesso de peso e Crença na culpa pelo excesso de peso do que por meio de da relação direta com a Competência, ou mediada por blocos de outras variáveis. Por exemplo, a sequência Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, que, por sua vez, prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso que prediz Crença na culpa pelo excesso de peso tem impacto de $b = 0{,}801$ ($p < 0{,}001$) no Preconceito Benevolente.

Já relação direta do Preconceito Benevolente com a Competência ou mediada por blocos de outras variáveis tem betas menores. O beta da variável Competência diretamente em Preconceito Benevolente (Na Tabela 1 – COMP à PB) é de 0,219 ($b = 0{,}219$) ($p < 0{,}001$). Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que prediz Preconceito Benevolente (Na Tabela 1 – CONTROL à PB) $b = 0{,}675$ ($p < 0{,}001$). Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso que, por sua vez, prediz Preconceito Benevolente (Na Tabela 1 – INST à PB) $b = -0{,}748$ ($p < 0{,}001$).



O mesmo acontece para as dimensões do Preconceito Hostil:

Em relação ao Julgamento Adverso, a sequência Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, que, por sua vez, prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso que prediz Crença na culpa pelo excesso de peso tem impacto de $b = 0{,}790$ ($p < 0{,}001$) no Julgamento Adverso.

Já relação direta do Julgamento Adverso com a Competência ou mediada por blocos de outras variáveis tem betas menores. Competência predizendo diretamente Julgamento Adverso (Na Tabela 1 – COMP à JULAD), não há relação significativa. Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que prediz Julgamento Adverso (Na Tabela 1 – CONTROL à JULAD) $b = 0{,}636$ ($p < 0{,}001$). A única exceção que apresenta um beta um pouco maior do que a sequência proposta é Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do

ganho de peso que prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso que, por sua vez, prediz Julgamento Adverso (Na Tabela 1 – INST à JULAD) $b$ = -0,845 ($p$ < 0,001).

Em relação à dimensão Atração e Proximidade: a sequência Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, que, por sua vez, prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso que prediz Crença na culpa pelo excesso de peso tem impacto de $b$ = 0,412 ($p$ < 0,001) no Atração e proximidade.

Já relação direta da Atração e proximidade com a Competência ou mediada por blocos de outras variáveis tem betas menores. Competência predizendo diretamente Atração e proximidade (Na Tabela 1 – COMP à ATRA) $b$ = -0,116 ($p$ < 0,001). Uma exceção que apresentou um beta um pouco maior foi o bloco Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que prediz Atração e proximidade (Na Tabela 1 – CONTROL à ATRA) com beta $b$ = 0,524 ($p$ < 0,001). Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso que, por sua vez, prediz Atração e proximidade (Na Tabela 1 – INST à ATRA) $b$ = -0,389 ($p$ < 0,001).

Da mesma forma em relação à dimensão Direitos Iguais do Preconceito Hostil. A sequência Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, que, por sua vez, prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso que prediz Crença na culpa pelo excesso de peso tem impacto de $b$ = 0,174 ($p$ < 0,001) no Direitos Iguais.



Já relação direta do Direitos Iguais com a Competência ou mediada por blocos de outras variáveis tem betas menores. Competência predizendo diretamente Direitos Iguais (Na Tabela 1 – COMP à DIRI) $b$ = 0,149 ($p$ < 0,05). Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que prediz Direitos Iguais (Na Tabela 1 – CONTROL à DIRI), não houve relação significativa. Competência predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso que, por sua vez, prediz Direitos Iguais (Na Tabela 1 – INST à DIRI), não resultou em relação significativa.

Foi solicitada correlação entre todas as variáveis de preconceito, apesar disso, a variável Preconceito Benevolente não se correlacionou de maneira significativa com nenhuma das variáveis de Preconceito Hostil. Enquanto isso, as três variáveis do Preconceito Hostil se correlacionaram significativamente de forma positiva.

Em relação às variáveis de controle temos que a variável GEN (gênero) não controlou de maneira significativa nenhum dos níveis de Preconceito Benevolente e Preconceito Hostil. A variável Atração e proximidade (parte do Preconceito Hostil) foi controlada de forma significativa pelas variáveis GORD (Participante se considera gordo) e OBES (Participante se considera obeso), ambos

com betas pequenos e negativos, por sua vez, a variável Direitos Iguais foi controlada pela variável OBES (Participante se considera obeso) (beta pequeno e negativo) e pela variável TEMCONT (Tempo dificuldade em controlar o peso) (beta pequeno e negativo).

O $R^2$ indica o quanto as variáveis latentes que recebem influência de outras são explicadas pelo modelo. Esse valor, em certa medida, pode ser interpretado como uma porcentagem de explicação. A variável latente Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso foi explicada em 7,4% ($R^2 = 0,074$) pelo modelo; a Atribuição de instabilidade do excesso de peso, foi explicada em 5% ($R^2 = 0,050$) pelo modelo e a Crença na culpa pelo excesso de peso foi explicada pelo modelo em 33,4% ($R^2 = 0,334$). Em relação às variáveis do preconceito, 76,2% da variação Preconceito Benevolente ($R^2 = 0,762$), foi explicada pelo modelo. Quanto às dimensões do Preconceito Hostil, Julgamento adverso foi explicada em 67,4% pelo modelo ($R^2 = 0,674$), Atração e proximidade foi explicada em 34,9% pelo modelo ($R^2 = 0,349$) e Direitos Iguais foi explicada em 9,3% pelo modelo ($R^2 = 0,093$).

Dessa forma, a dimensão Sociabilidade do Modelo do Conteúdo Estereotípico explicou diretamente o Preconceito Benevolente e as dimensões Julgamento adverso e Atração e proximidade e não apresentou explicações indiretas significativas no modelo.



No entanto, tanto o Preconceito Benevolente quanto as dimensões do Preconceito Hostil foram melhor explicados por meio de da sequência de variáveis: Dimensão Competência do Modelo de conteúdo estereotípico predizendo Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso, que, por sua vez, prediz Crença na culpa pelo excesso de peso que prediz significativamente todas as variáveis do preconceito.

## DISCUSSÃO

Nossas hipóteses traçaram um caminho de explicação para o preconceito contra pessoas gordas. Um dos grandes diferenciais desse caminho para outros já estabelecidos é que postulamos que não existe somente um tipo de preconceito contra pessoas gordas. Ao contrário, existe um preconceito contra pessoas gordas tão naturalizado que chega a ser invisibilizado: o Preconceito Benevolente. Conjecturamos então que o caminho de explicação para o preconceito contra pessoas gordas precisaria incluir não somente o Preconceito Hostil (mais agressivo, mais visível, mais criticado em vista das normas sociais), mas também precisaria incluir o Preconceito Benevolente.

Outro diferencial do nosso caminho de explicação do preconceito contra pessoas gordas é o uso das dimensões essenciais do Modelo do Conteúdo Estereotípico (Sociabilidade e Competência) para

aferir Estereótipos, assumindo que não só estereótipos negativos impactam os diferentes tipos de preconceito. Ao contrário, assumimos que estereótipos positivos também explicam esse fenômeno.

Também levantou-se a hipótese que as variáveis Sociabilidade e Competência (Estereótipos) seriam preditoras indiretas tanto do Preconceito Hostil quanto do Preconceito Benevolente por meio de da sequência de variáveis: Sociabilidade e Competência predirão diretamente Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que predirá Atribuição de instabilidade do excesso de peso que, por sua vez, predirá Crença na culpa pelo excesso de peso que explicará significativamente Preconceito Benevolente e Hostil. E ainda, se propôs que as variáveis Sociabilidade e Competência (Estereótipos) seriam também preditoras diretas tanto do Preconceito Hostil quanto do Preconceito Benevolente, no entanto, as explicações seriam mais fracas (com betas menores) do que aquelas aferidas por meio de do caminho indireto proposto.

Nossas hipóteses iniciais foram parcialmente acatadas em um modelo que se mostrou estatisticamente plausível. A única variável que, em nossos resultados, não apresentou bons índices por meio de da sequência proposta foi a variável Sociabilidade que predisse as variáveis do preconceito somente de maneira direta.



No entanto, tanto o Preconceito Benevolente quanto as dimensões do Preconceito Hostil foram melhor explicados por meio de da sequência de variáveis: Competência predizendo Atribuição de locus interno e controle sobre o início do ganho de peso, que explicou Atribuição de instabilidade do excesso de peso, que, por sua vez, predisse Crença na culpa pelo excesso de peso que explicou significativamente todas as variáveis do preconceito.

Sobre a variável Sociabilidade, parte do Modelo do Conteúdo Estereotípico, seus impactos diretos em diferentes tipos de preconceito levantam questões importantes. Sociabilidade predisse diretamente o Preconceito Benevolente com um beta pequeno e negativo ($b$ = -0,156 $p$ < 0,001). Significa que quanto mais o grupo de pessoas gordas foi percebido como sociável, menos Preconceito Benevolente surgiu contra esse grupo. O mesmo aconteceu para as dimensões do Preconceito Hostil: Julgamento adverso ($b$ = -0,259 $p$ < 0,001) e Atração e proximidade ($b$ = -0,135 $p$ < 0,001).

É válido lembrar que, como descrito no Método, na seção Instrumentos de coleta de dados, todas as dimensões do Preconceito Hostil, assim como a única dimensão do Preconceito Benevolente foram codificadas para que pontuações mais altas refletissem maior preconceito naquela dimensão. Assim, quanto maiores as pontuações, maior a discordância com Atração e Proximidade em relação às pessoas gordas e, portanto, maior o preconceito.

A relação negativa de Sociabilidade com as dimensões do Preconceito Hostil significa que quanto mais percebidos como sociáveis, menor seria o preconceito relacionado ao Julgamento adverso e

menor o preconceito na dimensão Atração e proximidade. Em resumo, quanto mais sociáveis, menos Preconceito Benevolente receberiam (as pessoas gordas seriam mais respeitadas), sofreriam menos Julgamento Adverso e seriam percebidas como mais "gostáveis" ou mais dignas de Atração e proximidade.

Se considerarmos as implicações dessa relação significa que parte da sociedade entende que as pessoas gordas precisam ser sociáveis para serem aceitas, para que sejam mais respeitadas, amadas e menos excluídas. Apesar de, à primeira vista, essa relação negativa entre sociabilidade e dimensões do preconceito ser algo positivo (como uma via para as pessoas gordas sofrerem menos preconceito), mas, em termos práticos, também não estaria baseada em preconceito e implicaria em sofrimento para as pessoas gordas? Se pessoas gordas só são respeitadas (menos Preconceito Benevolente), deixam de ser julgadas negativamente (menos Julgamento Adverso), são amáveis e incluídas (menos níveis de distanciamento em relação à Atração e Proximidade) a depender do quão sociáveis são, então a percepção é que elas precisam compensar o fato de serem gordas. Como se ser gordo fosse algum defeito grave que os impedissem de serem pessoas como as outras (respeitadas, vistas positivamente, amadas e incluídas) e que precisa ser compensado de outras maneiras, como sendo mais sociável que os demais.



É válido lembrar que Sociabilidade não apresentou explicações indiretas significativas no modelo por meio de das variáveis Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, Atribuição de instabilidade do excesso de peso e Crença na culpa pelo excesso de peso, como inicialmente hipotetizado. Apesar disso, impactou três das quatro variáveis de preconceito, o que indica que o caminho de explicação para o preconceito é outro, não menos problemático, mas diferente.

Assim, os estereótipos (mesmo os estereótipos positivos, como Sociabilidade) desempenham um papel importante no preconceito e a compreensão dessa relação é útil para entender o modelo de explicação do preconceito contra pessoas gordas testado. Os estereótipos são "uma atribuição de crenças que se faz a grupos ou pessoas (conscientes ou inconscientes) (TORRES; NEIVA, 2011, p. 223.). De acordo com o Modelo do Conteúdo Estereotípico, grupos vistos como sociáveis e incompetentes, são normalmente associados ao Preconceito Benevolente que consiste tanto em crenças de que o grupo externo é dependente quanto em atitudes e comportamentos paternalistas (VISINTIN, 2021). Este tipo de preconceito estaria associado a tendências comportamentais de facilitação ativa (ou seja, ajuda e proteção), por isso, normalmente não é percebido como danoso por quem o pratica, mas também a danos passivos (por exemplo, exclusão social) (VISINTIN, 2021).

Já em relação ao Preconceito Hostil, ainda de acordo com o Modelo do Conteúdo Estereotípico, este tipo de preconceito estaria baseado em percepções de baixa sociabilidade e competência e pode

estar associado a tendências comportamentais de dano ativo (por exemplo, abuso físico ou verbal) ou danos passivos (por exemplo, exclusão social ou negligência) (VISINTIN, 2021).

Em nosso estudo, no entanto, Sociabilidade e Competência se correlacionaram positivamente, o que vai contra uma de nossas hipóteses. Para modelo explicativo inicialmente proposto, levantou-se a hipótese que as variáveis Sociabilidade e Competência, que são dimensões do Modelo de Conteúdo Estereotípico, se correlacionariam negativamente porque o grupo de pessoas gordas, por vezes é visto como menos competente e mais sociável (BRYKSINA *et al*., 2021). Contudo, em nossa amostra, quanto mais sociáveis, mais competentes as pessoas gordas foram percebidas (correlação positiva com magnitude moderada). Esse dado pode ter acontecido devido à desejabilidade social, visto que os itens que medem Competência no Modelo do Conteúdo Estereotípico, passam a impressão para o participante da pesquisa de serem capazes de captar juízos negativos mais explicitamente. Perguntas como "Na visão da sociedade, o quão (competentes/confiantes/capazes/eficientes/inteligentes/habilidosos) são os membros desse grupo?" podem fazer com que os participantes concordem mais com os itens no sentido de não parecerem preconceituosos. Assim, admitimos que as pessoas gordas podem ser percebidas como menos Competentes do que nosso estudo foi capaz de captar e sugerimos o desenvolvimento de medidas implícitas para a captura das dimensões Competência e Sociabilidade do conteúdo estereotípico no sentido de captar mais sutilmente essas variáveis para uma menor influência da desejabilidade.



Apesar desse fenômeno não esperado (relação positiva entre Competência e Sociabilidade direcionadas ao grupo de pessoas gordas) o aumento da percepção de competência levou a uma cascata de variáveis que explicaram tanto o Preconceito Benevolente, quanto o Preconceito Hostil de forma que as pessoas gordas sofreriam as consequências de ambos os tipos de preconceito, mesmo quando percebidas como mais competentes.

Assim, em relação à variável Competência tivemos predições diretas e indiretas tanto no Preconceito Hostil quanto no Benevolente, no entanto, como hipotetizamos, a melhor explicação se deu por meio de da predição indireta que seguiu o caminho: Competência → Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso → Atribuição de instabilidade do excesso de peso → Crença na culpa pelo excesso de peso → Preconceito Benevolente e Hostil. Esse caminho de explicação predisse Preconceito Benevolente e Hostil com betas maiores que as explicações obtidas por relações diretas (no caso da variável Competência) ou por combinações de mediações que não seguiram a sequência completa apresentada (no caso das variáveis Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso e Atribuição de instabilidade do excesso de peso), o que confirma nossa hipótese. Lembrando que as relações da variável Crença na culpa pelo excesso de peso com as variáveis do preconceito representam o caminho indireto proposto pelo modelo.

Dessa forma, nossos resultados mostraram que quanto mais as pessoas gordas são percebidas como competentes, maior a Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso (mais as pessoas acreditam que o peso está sob controle do indivíduo, o que não considera a multifatorialidade do excesso de peso), maior a Atribuição de instabilidade do excesso de peso (mais as pessoas acreditam que o peso é algo instável, facilmente modificável), maior a Crença na culpa pelo excesso de peso (mais culpabilizadas as pessoas gordas são) e mais Preconceito Benevolente e Hostil sofrerão.

Nesse sentido, mesmo com um beta pequeno, uma maior percepção de Competência levou a uma maior Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso. Mas, por quê? Bem, o Modelo do Conteúdo Estereotípico propõe que as pessoas usem principalmente duas dimensões para pensar sobre indivíduos e grupos: sociabilidade (ou seja, esse alvo é um amigo ou um inimigo?) e competência (ou seja, esse alvo pode agir de acordo com suas intenções?) (NICOLAS *et al*., 2021). Nessa linha, pessoas competentes agem de acordo com sua vontade, o que faz a associação com a variável Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso coerente de certo modo. Então, qual o problema dessa associação e qual o motivo de ela se vincular ao preconceito? A resposta é simples: em muitos casos, o excesso de peso não depende exclusivamente do indivíduo nem está totalmente sob seu controle, diferente do que postula a variável Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso.



No modelo de Weiner sobre atribuição de causalidade, é interessante a separação o que ele faz entre as dimensões lócus e controle. Ele afirma claramente que em seu quadro de explicação essas dimensões são diferentes, por isso, não faz sentido falar em "lócus de controle" (WEINER, 2004). De fato, o excesso de peso por ser um fenômeno multifatorial tem diferentes causas a depender do sujeito e nem todas as causas são internas ao indivíduo. Além disso, muitas causas que são internas não estão sob total controle do sujeito.

Em relação à obesidade (condição de alto acúmulo de peso), as causas podem ser de diversas ordens, algumas delas são: fatores genéticos, pré-natais e ambientais (POPOVICOVA *et al*., 2021). Entre os fatores genéticos pode-se mencionar: a programação do peso corporal por meio de mecanismos reguladores no hipotálamo, além de distúrbios ou mutações em genes e síndromes genéticas; dentre os fatores pré-natais que contribuem para o desenvolvimento da obesidade estão a obesidade ou privação de alimentos na mãe (POPOVICOVA *et al*., 2021). Em relação aos fatores ambientais Popovicova *et al.* (2021) elencam atividade física insuficiente, aumento de atividades sedentárias, alimentação inadequada, aumento da ingestão energética (também relacionado ao estilo alimentar da população), problemas psicossociais e familiares (POPOVICOVA *et al*., 2021).

Dentre os fatores mencionados, alguns são claramente de ordem interna, mas não controláveis, a exemplo dos fatores genéticos e dos fatores pré-natais. Entre fatores que poderiam ser categorizados como um lócus interno, mas também de pouco controle estão os transtornos psicológicos.

O DSM-5 traz, por exemplo, que, entre outras condições, o ganho de peso é mais comum na esquizofrenia do que na população em geral (APA, 2014, p. 105). O ganho significativo de peso chega a ser elencado entre os sintomas utilizados para se chegar ao diagnóstico de condições mentais, como o Episódio Depressivo Maior (condição que representa o polo depressivo no grupo de Transtornos Bipolares), Transtorno Depressivo Maior e Transtorno Disfórico Pré-menstrual que fazem parte do grupo de transtornos depressivos no DSM-5 (APA, 2014). Assim, diversos fatores psicológicos também estão associados ao ganho de peso. Nesse caso, o lócus da causa seria interno, mesmo assim esses fatores não podem ser considerados controláveis.

Que fatores seriam então de lócus interno e controláveis? Apesar de Weiner diferenciar claramente as dimensões lócus e controle, postulamos que uma atribuição das causas do excesso de peso como tendo um lócus interno (a causa está dentro da pessoa gorda) e, ao mesmo tempo, sendo controlável pelo sujeito, estaria mais vinculado ao preconceito. Essa premissa veio do fato de que as crenças de que o excesso de peso é controlável representam crenças que frequentemente não são testadas criticamente pelos sujeitos, ao mesmo tempo que promovem e justificam o estigma e o preconceito, além de diminuírem possíveis sentimentos de culpa por se ter comportamentos discriminatórios e atitudes tendenciosas em relação às pessoas gordas (PUHL; BROWNELL, 2003, p. 216).



Assim, a crença de que o peso é totalmente controlável para todos os sujeitos, quando, na verdade, não é, ajuda a justificar as ações preconceituosas em relação às pessoas gordas. As pessoas se sentem mais protegidas de receberem críticas ao terem atitudes preconceituosas contra as pessoas gordas porque atribuem o peso ao controle do sujeito. E mesmo a parcela de causas relacionadas ao comportamento, são tão controláveis assim?

Alguns fatores do excesso de peso, por se situarem em uma esfera comportamental, podem ser mais facilmente interpretados como fatores de lócus interno ao indivíduo e controláveis, é o caso de atividade física insuficiente e alimentação inadequada. Não por isso esses são os principais fatores que compõem nosso instrumento de Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso (*Controllability Scale* adaptada transculturalmente, - Apêndice C de Menezes (2022). No entanto, mesmo essas instâncias, mais vinculadas ao comportamento, estão sob total controle do indivíduo? Depende uma série de fatores, incluindo condições socioeconômicas. Afinal, alimentar-se bem requer dinheiro, requer tempo de preparo, tempo para comprar alimentos frescos e muito mais vezes do que se

compraria alimentos menos perecíveis, porém, menos ricos nutricionalmente. Em certos lugares, requer um deslocamento muito maior do que para acessar alimentos mais ricos em calorias, com menor valor nutricional, mas menos acessível. Assim, embora as pessoas tenham certa responsabilidade pelas suas escolhas alimentares, "é fundamental reconhecer que o ambiente alimentar condiciona aquelas escolhas, podendo dificultar a adoção de uma alimentação saudável (MONTEIRO; LOUZADA, 2015).

Além disso, existem fatores que influenciam o ganho de peso intimamente relacionados à vida moderna que são geralmente subestimados, como o sistema de produção atual exigir mais tempo para atividades relacionadas ao trabalho; tornando o tempo escasso e algo a ser poupado (MENEZES *et al*., 2021). O que certamente influencia não só na escolha de alimentos, como também, na prática de exercícios e delimita até mesmo esses aspectos a fatores econômicos. Ou seja, o modo de produção e, também, onde se está na cadeia de produção também são fatores importantes que impactam o acesso ao tempo, ao dinheiro e à alimentação de qualidade e prática de exercícios físicos. Quem está na base da cadeia tem menos tempo (demora mais para chegar ao trabalho devido ao transporte público e por normalmente precisar se deslocar mais para chegar ao trabalho) e tem menos recursos financeiros o que pode influenciar a qualidade da alimentação. Também é preciso atentar que o tipo de trabalho também tem se modificado e uma parcela considerável da população começa a exercer atividades laborais que demandam menos gasto calórico. E, apesar da comprovada multifatorialidade do excesso de peso e de mesmo os fatores aparentemente controláveis, estarem sujeitos condições que fogem do total controle do indivíduo, como mencionado, ainda assim existe uma Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso.



Não por coincidência, postulamos que a variável Atribuição de instabilidade do excesso de peso, que representa a dimensão estabilidade da teoria de atribuição de Wainer, também está vinculada recusa em se admitir a multifatorialidade do excesso de peso. Isso acontece porque se somente as causas comportamentais (relacionadas à alimentação e ao sedentarismo) são percebidas como fundamentais para o excesso de peso e desconsiderando-se os fatores que podem influenciar esse comportamento, e ainda ativamente ignorando que o excesso de peso pode ser causado por fatores fora do controle do indivíduo e estáveis (como os fatores genéticos e pré-natais já mencionados), então o peso teria uma natureza mais instável, mais modificável. Em nosso estudo, a Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, já tendo sido sofrido influência da variável Competência, tem um beta de $b = 0{,}707$ ($p < 0{,}001$) em Atribuição de instabilidade do excesso de peso. Isso significa que há um grande poder de predição de Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso em Atribuição de instabilidade do excesso de peso.

Em nosso modelo, até então, quando as pessoas gordas foram percebidas como mais competentes, mais o ganho de peso foi percebido como controlável pelo sujeito (Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso). E quanto maior essa percepção de controle, maior a crença de que o peso é algo instável (Atribuição de instabilidade do excesso de peso). Em adição, quanto mais o peso é visto como instável, maior a culpabilização da pessoa gorda (Crença na culpa pelo excesso de peso) e quanto maior a culpabilização, maior o preconceito (tanto Hostil, quanto Benevolente).

Por que essas variáveis aparecem como um papel tão importante no modelo de explicação do preconceito contra pessoas gordas? Tanto a atribuição de controle (Atribuição de locus interno e controle sobre o início do ganho de peso) quanto a atribuição de instabilidade (Atribuição de instabilidade do excesso de peso) estão baseadas em uma percepção unifatorial das causas do excesso de peso, apesar da multifatorialidade do excesso de peso já ser algo bem estabelecido até mesmo nas representações da população, a exemplo do que se encontrou no estudo II de Menezes (2022). Como atribuição de controle (Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso) e atribuição de instabilidade (Atribuição de instabilidade do excesso de peso) localizam a causa do excesso de peso somente no indivíduo, em um recorte mais particular ainda, no que está sob seu total controle (o que, em termos reais é raro de acontecer visto que mesmo variáveis comportamentais podem sofrer a influência de variáveis ambientais como já discutido) estas variáveis serviriam como justificativa para a culpabilização.



O Modelo da Discriminação Justificada postula que o uso de justificativas exerce um importante papel na compreensão da discriminação (MODESTO *et al*., 2021). Justificar o preconceito é uma maneira de diminuir uma pessoa por pertencer a um grupo, sem gerar dissonância cognitiva visto que devido à condenação moral e legal do preconceito a partir da década de 1960 nos Estados Unidos (VALA; MONTEIRO, 2013) se fortaleceu a crença que pessoas boas não discriminam.

Essas crenças de que pessoas boas não discriminam estão baseadas em normas sociais igualitárias, que proíbem a expressão flagrante do preconceito e criam dissonância em indivíduos preconceituosos, que desejam expressar seu preconceito (CONNOR; FISKE, 2019).

As atribuições de controlabilidade funcionam como justificativas para respostas discriminatórias (CRANDALL; ESHLEMAN, 2003) e oferecem uma maneira de resolver essa dissonância, permitindo que as pessoas efetivamente liberem o Preconceitos Hostil (CONNOR; FISKE, 2019).

Por meio de da justificação do preconceito as pessoas passam a expressar tanto o Preconceito Hostil, como postulado por Connor e Fiske (2019), como também um outro tipo de preconceito, menos flagrante (forma mais estudada, que é quente, próximo e direto) e mais sutil (forma mais recente que é

frio, distante e indireto) (PETTIGREW; MEERTENS, 1995). Essas formas de preconceito mais recentemente estudadas, são mais encobertas e é comum que quem o possui, não o reconheça como um preconceito (DIAS *et al*., 2017), é o caso do Preconceito Benevolente.

Assim, com a justificativa da culpabilização (obtida, por exemplo, por meio de da crença que o excesso de peso está sob total controle do indivíduo e que o peso é algo facilmente modificado por todos), os magros expressam preconceito para com os gordos, sem sentir que estão sendo preconceituosos. Desta maneira, seguem mantendo a ideia de que pessoas boas não expressam preconceito, ao mesmo tempo em que seguem agredindo sutilmente (ou de maneira hostil) as pessoas do grupo alvo.

Uma questão interessante é que, em muitos casos, o *outgroup* se recusa a reconhecer a multifatorialidade do excesso de peso (o que foi captado em nosso modelo por meio de das variáveis Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso e Atribuição de instabilidade do excesso de peso), mesmo sendo verdadeiramente *outgroup* (pessoas que não tiveram problemas com controle do excesso de peso por um longo período de vida, décadas por exemplo). E, essas pessoas utilizam essa percepção unifatorial para culpabilizar a pessoa gorda mesmo não tendo experienciado os fatores que levaram às dificuldades de controle do peso. Essa culpabilização, por sua vez, explica diretamente Preconceito Benevolente e Hostil. Esse processo pode ser entendido como uma "Meritocracia do peso".



A meritocracia se configura como um mecanismo ideológico de legitimação ética desigualdades, justificando-as enquanto desigualdades "merecidas" (ROSSATO, 2022). Na meritocracia clássica, as conquistas são encaradas como merecimentos que acontecem por intermédio apenas do esforço individual em "uma competição que tomava a todos por iguais, indistintamente" (ROSSATO, 2022, p. 232). Algo semelhante acontece nesse fenômeno que cunhamos de Meritocracia do Peso. Na Meritocracia do Peso, pessoas que nunca tiveram dificuldades com o peso por longos períodos na vida, não sofreram os diferentes fatores que podem gerar excesso de peso que frequentemente não estão sob o controle do indivíduo, e possuem vantagens genéticas, biológicas (endócrinas, por exemplo), psicológicas e sociais (como disponibilidade maior tempo e recursos que facilitam seu acesso à melhor alimentação e a exercícios devido a sua posição social) que facilitam a manutenção do seu peso acreditam que seu peso é mérito seu e que todos podem, da mesma maneira que eles, ser magros. Basta tentar. Caso as pessoas gordas não consigam deixar de ser gordas, então, de acordo com essa percepção de Meritocracia do peso, elas merecem as consequências negativas do seu excesso de peso. Tanto consequências físicas (comorbidades que frequentemente acompanham o excesso de peso), quanto

sociais (como os diferentes tipos de preconceito direcionados a esse grupo) e assim podem hostilizar sutil e abertamente as pessoas gordas.

Assim, os estereótipos que circulam sobre as pessoas gordas, combinados ao negacionismo das próprias vantagens em relação à manutenção do peso para muitas pessoas magras e a recusa em admitir as desvantagens sofridas por muitas pessoas gordas em relação à multifatorialidade do excesso de peso podem justificar a culpabilização dos gordos e aumentar o preconceito e a discriminação, ao mesmo tempo que se mantém a percepção de que pessoas boas (e magras) não discriminam.

Nossos achados corroboram a premissa de Fiske e colaboradores, criadores do Modelo do Conteúdo Estereotípico, quando afirmam que os estereótipos positivos também podem ser significativamente relacionados com o preconceito (FISKE *et al*., 2002). Mesmo quando pessoas gordas são vistas como competentes há maiores níveis de Preconceito Benevolente e Hostil por via indireta por meio de das variáveis mencionadas e maiores níveis de Sociabilidade diminuiriam o Preconceito Hostil e Benevolente o que também reflete consequências danosas às pessoas gordas, como já discutido.

Acerca do Preconceito Benevolente, têm-se que ele cresce a partir de uma suposição de superioridade dos grupos dominantes/membros do endogrupo sobre os grupos minoritários/membros do exogrupo (SUN, 2019). Ele é tão aceito que chega a ser visto como uma ação positiva por quem o pratica, no intuito de "ajudar" as pessoas gordas. Esse tipo de atitude, no entanto, é baseado na ideia de que as pessoas gordas são incompetentes, inferiores, carentes e fracas (PARRY, 2011). Assim, apesar de muitas pessoas que praticam esse preconceito pensarem que o intuito é ajudar as pessoas gordas, ele tem o mesmo valor subjacente que o Preconceito Hostil e pode ser tão prejudicial e ofensivo quanto ele (RAMASUBRAMANIAN; OLIVER, 2007; RAMOS *et al.*, 2018).



Dessa forma, apesar da naturalização, esse preconceito tem repercussões graves para o grupo alvo. Ainda não há muitos estudos sobre essas consequências para pessoas gordas, mas em relação a esse mesmo tipo de preconceito tendo como alvo o grupo de mulheres (sexismo benevolente) existem dados importantes que podem se aplicar ao grupo de pessoas gordas. Pesquisa em laboratório mostrou que o Preconceito Benevolente (com declarações sugerindo que as mulheres são frágeis e precisam de apoio), tem prejudicado o desempenho cognitivo das mulheres ao incutir pensamentos invasivos com dúvidas sobre si mesmas, preocupações e diminuição da autoestima (DARDENNE *et al*., 2007). Argumentamos que consequências semelhantes podem acontecer em relação a todos os grupos de pessoas que sofrem essa variante de preconceito, inclusive pessoas gordas, por isso existe necessidade continuar investigando não só a explicação desse fenômeno, mas também as consequências para suas vítimas.

Retomamos que nossos dados informaram que Preconceito Hostil e Benevolente contra pessoas gordas são explicados diretamente pela dimensão Sociabilidade do Modelo de Conteúdo Estereotípico (MCE) e por meio de da predição indireta da Competência (MCE), nos diferentes tipos de preconceito por meio de da sequência de variáveis Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, Atribuição de instabilidade do excesso de peso e Crença na culpa pelo excesso de peso com betas maiores. Esse modelo explicativo do preconceito contra pessoas gordas mostra um avanço no campo por tratar de variáveis ainda não exploradas em conjunto que se mostraram importantes para a compreensão do fenômeno. Apesar dos avanços, entendemos também que estas variáveis precisam ser observadas como parte de um tecido sócio-histórico que as tornaram relevantes para o preconceito contra pessoas gordas.

Entendemos o preconceito como um fenômeno multicausado, tendo, ao mesmo tempo determinantes individuais, sociais, históricos e culturais (LIMA, 2020). E enfatizamos que é importante discutir o percurso histórico que influenciou o surgimento dessas variáveis, mas também é necessário discutir fenômenos sociais que contribuem para a sua manutenção.

Dentre esses, estão fatores econômicos. Interesses relacionados ao mercado estão relacionados ao aumento de peso (indústrias de alimentos, farmacêuticas, indústria da beleza e medicina estética) (CAMPOS *et al*., 2015). Argumentamos que, por vezes, fatores ambientais ligados a interesses capitalistas podem interferir no aumento da prevalência do excesso de peso quanto lucrar com sua condenação moral e preconceito contra pessoas gordas, por exemplo, por meio de das indústrias farmacêuticas, da beleza e da medicina estética já citadas.



Assim, concordamos com Campos *et al*. (2015), ao argumentarem que soluções efetivas para o excesso de peso não acontecerão por meio de do monitoramento permanente do comportamento saudável dos indivíduos, autocontrole da alimentação cotidiana e proposição de exercícios físicos. Não podemos cair na falácia do discurso biomédico que volta unifatorializar as causas do excesso de peso quando o fenômeno sempre foi multifatorial. Esse discurso naturaliza a proposta de um estilo de vida idealizado como saudável enfatizando visões unilaterais e de culpabilização das pessoas, gerando formas sofisticadas de ocultação da responsabilidade do poder público em promover condições dignas de vida à população (BAGRICHEVSKY, 2019).

Portanto, argumentamos ser preciso desenvolver políticas públicas de proteção às pessoas gordas que se centrem em difundir a multifatorialidade do excesso de peso em diversos aspectos. Por exemplo, políticas que atuem no mercado no intuito de regular produtos que favoreçam o aumento do peso (como taxação de produtos ultraprocessados), bem como redução de impostos para produtos frescos e produzidos localmente além de investimento em capacitação e subsídios financeiros para esta

produção. Além disso, é preciso mapear o acesso desses alimentos e criar espaços (como feiras livres) para sua comercialização em locais onde o acesso é escasso.

Outras políticas públicas que enfatizam a multifatorialidade podem ser desenvolvidas para o campo da saúde e ajudar na regulação do peso da população. Por exemplo, com o desenvolvimento de protocolos de avaliação multifatorial, a ser realizado por vários profissionais, que sejam obrigatórios no caso de qualquer atendimento a pessoas gordas, o que facilitará práticas que sejam mais eficientes por estarem adequadas às causas do sobrepeso naquele indivíduo. Apesar desses protocolos sugeridos em relação ao tratamento do excesso de peso, é preciso medidas de combate ao preconceito de fato.

Dessa forma, ainda pensando em soluções em contextos macrossociais, a nível governamental, falamos da necessidade regulação midiática em relação à representação da pessoa gorda. Diariamente as pessoas gordas são julgadas de forma negativa e depreciativa inclusive por familiares, amigos, conhecidos e mesmo por profissionais de saúde (CAMPOS *et al*., 2015) e, muitas vezes, a representação midiática do gordo enquanto alívio cômico, incompetente ou culpado por seu excesso de peso contribui para a manutenção de estereótipos que, como vimos, impactam no preconceito. Dessa maneira, é importante que existam diretrizes governamentais que regulem minimamente esse conteúdo veiculado na mídia no intuito de reduzir o preconceito contra pessoas gordas.



Assim, o excesso de peso é um fenômeno complexo que exige abordagens transdisciplinares (CAMPOS *et al*., 2015) e que medidas de combate ao preconceito contra pessoas gordas precisam ser articuladas em vários níveis (inclusive, em termos de políticas públicas) para que sejam eficazes. A redução do preconceito certamente impactará a qualidade vida das pessoas gordas por diferentes vias, como o tratamento correto oferecido por profissionais de saúde (que investiguem a causa do seu excesso de peso individualmente e não baseados em Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso e na Atribuição de instabilidade do excesso de peso). No entanto, o impacto mais importante da redução do preconceito contra pessoas gordas seria a diminuição da discriminação que afeta a vida das pessoas gordas diariamente, discriminação essa que continua a ser invisibilizada pela justificação do preconceito, pela Meritocracia do Peso, mas que precisa ser combatida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi propor um modelo explicativo do Preconceito Hostil e Benevolente contra pessoas gordas pautado nos Estereótipos, na Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso, na Atribuição de instabilidade do excesso de peso e na Crença na culpa pelo excesso

de peso. O modelo apresentado foi capaz de explicar Preconceito Hostil e Benevolente por meio de das variáveis propostas obteve boas propriedades psicométricas, mostrando-se plausível.

Assim, o proposto Modelo Explicativo do Preconceito Contra as Pessoas Gordas encontrou que a dimensão Sociabilidade do Modelo do Conteúdo Estereotípico (MCE) explica diretamente, de forma negativa, as variáveis Preconceito Hostil e Benevolente. De forma que, quanto mais sociáveis, menos preconceito as pessoas gordas sofreriam. Enfatizamos que esse achado não aponta uma possível estratégia que as pessoas gordas poderiam utilizar para sofrerem menos preconceito. Ao contrário, implica a percepção é que elas precisam compensar o fato de serem gordas com atributos agradáveis ao *outgroup*, como a Sociabilidade, o que traz consequências graves sobre como as pessoas gordas são vistas e tratadas.

O Modelo Explicativo do Preconceito Contra as Pessoas Gordas proposto também mostra que por meio de predições positivas, a sequência de variáveis: Competência predizendo, Atribuição de lócus interno e controle sobre o início do ganho de peso que prediz Atribuição de instabilidade do excesso de peso que, por sua vez, prediz Crença na culpa pelo excesso de peso, explica significativamente Preconceito Benevolente e Hostil contra pessoas gordas. Dessa forma, as pessoas gordas sofreriam as consequências de ambos os tipos de preconceito, mesmo quando percebidas como mais competentes.



O modelo foi discutido de modo a enfatizar prováveis explicações para o fenômeno, bem como se levantou possibilidade combate ao preconceito contra as pessoas gordas. Por fim, assim como Lima (2020), entendemos que a psicologia social tem importante contribuição para o entendimento e combate do preconceito. Esperamos com esse trabalho abrir novas possibilidades de investigação e combate ao preconceito contra pessoas gordas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMS, D. *et al*. **Developing a national barometer of prejudice and discrimination in Britain**. London: Equality and Human Rights Commission, 2018.

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Boston: Addison Wesley, 1954.

APA - American Psychiatric Association. **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Editora Artmed, 2014.

ARONSON, E. *et al*. **Social psychology**. Hoboken: Prentice Hall, 2002.

AMBIEL, R. A. M. *et al*. "E viveram felizes para sempre: a longa (e necessária) relação entre psicologia e estatística". *In*: AMBIEL, R. A. M. *et al*. (eds.). **Avaliação Psicológica**: guia de consulta para estudantes e profissionais de psicologia. Perdizes: Editora Casa do Psicólogo, 2011.

BAGRICHEVSKY, M. **Saúde coletiva**: dialogando sobre interfaces temáticas. Blumenau: Editora do IFC, 2016.

BRASIL. **Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em <www.saude.gov.br>. Acesso em: 05/04/2023.

CARVALHO, M. **Quando tem, tá caro! Examinando a influência da percepção de justiça e da raiva em cenários de out-of-stock seguidos de over price** (Tese de Doutorado em Administração). São Paulo: UNINOVE, 2022.

CAMPOS, S. D. S. *et al*. "Num relance de olhar... a estigmatização das pessoas gordas: do passado aos dias de hoje". **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, vol. 14, n. 3, 2015.

CHAIKEN, S. *et al*. "Principles of persuasion". *In*: HIGGINS, E. T.; KRUGLANSKI, A. W. (eds.). **Social psychology**: Handbook of basic principles. New YorK: Guilford, 1996.

CRANDALL, C. S.; ESHLEMAN, A. "A justification-suppression model of the expression and experience of prejudice". **Psychological Bulletin**, vol. 129, n. 3, 2003.

CONNOR, R. A.; FISKE, S. T. "Not minding the gap: How hostile sexism encourages choice explanations for the gender income gap". **Psychology of Women Quarterly**, vol. 43, n. 1, 2019.

DARDENNE, B. *et al*. "Insidious dangers of benevolent sexism: Consequences for women's performance". **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 93, n. 5, 2007.



DIAS, C. C. V. *et al*. "Mudanças de estereótipos e representações sociais: desafios para a superação do preconceito frente à doença mental". *In*: MACIEL, S. C. *et al*. (eds.). **Saúde Mental e Dependência Química**: Políticas de cuidado e inclusão social. João Pessoa: Editora Idéia, 2017.

DISTEFANO, C.; MORGAN, G. B. "A Comparison of Diagonal Weighted Least Squares Robust Estimation Techniques for Ordinal Data". **Structural Equation Modeling**, vol. 21, n. 3, 2014.

FISKE, S. T. *et al*. "A model of (often mixed) stereotype content: Competence and Warmth respectively follow from perceived *status* and Competition". **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 82, n. 6, 2002.

GORSUCH, R. L. **Factor analysis**. Lawrence: Erlbaum Associates Inc, 1983.

HAIR, H. J. "Exploratory factor analysis: A review of research from 1993 to 2003". **Journal of Managment**, vol. 14, n. 4, 2005.

HOYT, C. L. *et al*. "The obesity stigma asymmetry model: The indirect and divergent effects of blame and changeability beliefs on antifat prejudice". **Stigma and Health**, vol. 2, n. 1, 2017.

JACKMAN, M. R. "Rejection or inclusion of outgroups?" *In:* DOVIDIO, J. F. *et al*. (eds.). **On the Nature of Prejudice**: Fifty Years After Allport. Hoboken: Blackwell, 2005.

JOVANČEVIĆ, A.; JOVIĆ, M. "The Relation Between Anti-Fat Stereotypes and Anti-Fat Prejudices: The Role of Gender as a Moderator". **Psychological Reports**, vol. 125, n. 3, 2022.

LATNER, J. D. *et al*. "Weighing obesity stigma: The relative strength of different forms of bias". **International Journal of Obesity,** vol. 32, n. 7, 2008.

LI, C. H. "Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least Squares". **Behavioral Research Methods**, vol. 48, n. 3, 2016.

LIMA, M. E. O. **Psicologia Social do Preconceito e do Racismo**. São Paulo: Editora Blucher, 2020.

LOPES, D. D. *et al*. **Psicologia social**. Porto Alegre: Editora Sagah, 2018.

MENEZES, T. S. B. *et al*. "Representação social da obesidade: análise com estudantes do ensino médio e universitários". **Ciencias Psicológicas**, vol. 15, n. 1, 2021.

MENEZES, T. S. B. **Modelo explicativo do preconceito contra pessoas gordas** (Tese de Doutorado em Psicologia Social). João Pessoa: UFPB, 2022.

MODESTO, J. G. *et al*. "Racismo e Políticas Afirmativas: Evidências do Modelo da Discriminação Justificada". **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 33, 2018.

MONTEIRO, C. M.; LOUZADA, M. L. C. "Ultraprocessamento de alimentos e doenças crônicas não transmissíveis: Implicações para políticas públicas". *In:* NOGUEIRA, R. P. *et al*. (orgs.). **Observatório Internacional de Capacidades Humanas, Desenvolvimento e Políticas Públicas**: Estudos e análises. Brasília: Editora da UnB, 2015.

MYERS, D. G. **Psicologia Social**. Porto Alegre: Editora AMGH, 2014.

NICOLAS, G. *et al*. "Comprehensive stereotype content dictionaries using a semi-automated method". **European Journal of Social Psychology,** vol. 51, n. 7, 2021.

OBARA, A. A.; ALVARENGA, M. S. "Adaptação transcultural da Escala de Atitudes Antiobesidade para o português do Brasil". **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 23, n. 5, 2018.

PARRY, M. V. **Beyond hostile prejudice and blame**: the weight of paternalistic anti-fat attitudes and related beliefs in understanding social reactions to fat persons (Doctoral Thesis in Philosophy). Toowoomba: University of Southern Queensland, 2011.

PETTIGREW, T. F.; MEERTENS, R. W. "Subtle and blatant prejudice in Western Europe". **European**: **Journal of Social Psychology**, vol. 21, n. 5, 1995.

POPOVICOVA, M. *et al*. "Key predictors of overweight and obesity in adult population". **Clinical Social Work and Health Intervention**, vol. 12, n. 5, 2021.

PUHL, R. M.; BROWNELL, K. D. "Bias, discrimination and obesity". **Obesity Research,** vol. 9, n. 12, 2001.

RAMASUBRAMANIAN, S.; OLIVER, M. B. "Activating and suppressing hostile and benevolent racism: Evidence for comparative media stereotyping". **Media Psychology,** vol. 9, n. 3, 2007.

RAMOS, M. *et al*. "What hostile and benevolent sexism communicate about men's and women's warmth and competence". **Group Processes; Intergroup Relations**, vol. 21, n. 1, 2018.

RAYKOV, T. "Estimation of composite reliability for congeneric measures". **Applied Psychological Measurement**, vol. 21, n. 2, 1997.

ROSSATO, E. A. “Da meritocracia clássica à meritocracia social”. **Revista Espaço Acadêmico**, vol. 22, n. 234, 2022.

SIJTSMA, K. “On the use, the misuse, and the very limited usefulness of Cronbach’s alpha”. **Psychometrika**, vol. 74, n. 1, 2009.

SUN, Y. **Therapists' Implicit Bias towards Chinese International Students** (Doctoral Thesis in Philosophy). Auburn: Auburn University, 2019.

SWIM, J. K.; STANGOR, C. **Prejudice**: The target’s perspective. Cambridge: Academic Press, 1998.

TORRES, C.; NEIVA, E. R. **Psicologia social**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2011.

VALENTINI, F.; DAMÁSIO, B. F. “Variância Média Extraída e Confiabilidade Composta: Indicadores de Precisão”. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 32, n. 2, 2016.

VISINTIN, E. P. “Contact with older people, ageism, and containment behaviours during the COVID-19 pandemic”. **Journal of Community; Applied Social Psychology**, vol. 31, n. 3, 2021.

WEINER, B. **Transforming cultural plurality into theoretical unity**. Greenwich: Information Age, 2004.




# BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 13 | Nº 37| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca



**Editor chefe**:

Elói Martins Senhoras

**Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

**Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima